

34.º aniversário da morte de João Dias

• A outra face do escritor

João Dias, um dos primeiros prosadores e contistas moçambicanos, talvez seja, dentro da nossa obra literária o dedo acusador mais violento contra o colonialismo. Ele viveu numa época em que a hierarquia das epidermes era o corolário lógico de uma sociedade que encontrava no racismo instituído uma das suas mais fortes razões de ser.

Implantado nessa sociedade, João Dias sofreu a revolta, as contradições e mesmo os complexos que tal realidade inevitavelmente inscreve na personalidade do sujeito a ela submetido. No 34.º aniversário da sua morte, publicamos alguns extractos de cartas inéditas, gentilmente cedidas pela sua família, num trabalho de Cyprian Kwilimbe acérrimo admirador daquele escritor prematuramente falecido.



João Dias

JOÃO DIAS morreu em 25 de Março de 1949 num quarto isolado dum hospital em Lisboa. Mas grandes personalidades só morrem nunca desaparecem. As suas pegadas ficam bem gravadas nas rochas da História. Este grande escritor moçambicano deixou escritos que depois da sua morte uns seus amigos publicaram com o título de **GODIDO E OUTROS CONTOS**. Outros inéditos desapareceram em circunstâncias criminosas.

O silêncio que sempre envolveu os escritos de JOÃO DIAS deve-se ao facto do autor ter bradado contra injustiças. Mas o mundo colonialista pegou num aspecto do seu brado: o grito contra o racismo. E, até que, sem vergonha, virou o disco e rotulou-o de fomentador de ideias rácicas, portanto de racista, o homem que lutava contra o racismo. Considerou-o como confusionista porque levantava casos e descrevia situações que os governantes e os seus aliados literários não gostariam de ouvir.

Mas, como se costuma dizer, as mentiras voam nas asas do vento, mas leva tempo para a verdade

alcançar uma distância. Parafraseando FIDEL CASTRO, a história absolveu o JOÃO DIAS. As mentiras sobre ele voaram e desapareceram. A verdade alcançou a sua distância, e lá está para sempre ficar.

A verdade sobre o JOÃO DIAS encontra-se patente nas cartas que escreveu à sua família e a amigos. Essas cartas são literatura comparável aos seus contos e são superiores e muitos na literatura moçambicana e, ousamos dizer sem medo de contradição, na literatura universal. Revelam um estudioso um jovem maduro que morreu aos vinte e três anos de idade, um filósofo. Aliás não deixaria de ser isto porque, como escreveu o escritor inglês WILLIAM WORDSWORTH, «Ninguém foi um grande literato sem ser ao mesmo tempo um grande filósofo».

As cartas de JOÃO DIAS estão imbuídas de amor não só pela sua família mas também por todos os oprimidos. Numa delas, em resposta a uma outra da sua família escreveu:

«Vocês têm-me pedido com certa

insistência que não manifeste as minhas ideias políticas. Impossível!!! gostaria de vos satisfazer mas notem bem: as ideias políticas de cada um não se manifestam só por aquilo que se diz mas também pelos actos praticados. Basta uma conversa sobre um assunto comedido para muitas vezes se adivinharem as nossas cores políticas. O facto de numa determinada circunstância actuar-mos de certo modo em vez de ser de outro tudo isso deixa transparecer as nossas ideias. Se eu fosse assassino ou ladrão teria justo motivo de esconder o que era mas o facto de defender uma doutrina política que julgo humana não me envergonha. Temos de mostrar ao mundo aquilo que somos para que não nos chamem hipócritas» (18/3/46).

E JOÃO DIAS nunca foi hipócrita. Antes de atingir vinte anos de idade já se recusava de escolher deuses ou mulheres. Escolhera apenas a sua profissão e a sua política. Ao seu amigo Orlando de Albuquerque escreveu: «Sabes, é que o eu é sempre enfadado. Mas mesmo quando falo de elefantes,

baleias, ou do JOSÉ ANTÓNIO Qualquer Coisa, o eu está presente. É o eu a ver, ouvir, sentir e transmitir objectos de uma realidade que não sei se terá existência objectiva mas que tem existência subjectiva... Por isso é que não te quero falar de mim. Faço-o por vezes inconscientemente, outras vezes por ser um imperativo mas nas minhas cartas, como em tudo o que faço prefiro ser eu, sem gritar que sou eu. Não me escondo mas também não grito em cartazes luminosos e a cores: «Aqui estou!» «I am», «C'est moi», «Ina mina». Os que tiverem olhos menos para olhar do que para ver, saberão que eu não sou Eu mas estas manifestações que se concentram num pedaço definido de Fisiologia, Químicas, Físicas e outras invenções idênticas».

Palavras essas dum filósofo, observador atento de tudo ao seu redor, um jovem que nunca teve medo de abordar qualquer tema.

Sobre o fanatismo religioso JOÃO DIAS observa:

«Numa das vossas cartas vocês perguntam-me se vou a Fátima. Não, não vou. Só lá podia ir com dois fitos: para ver como aquilo é ou então por chiquismo... Já tem passado bastante gente por Coimbra a caminho da «terra de Fé». Há pobres que deixam o trabalho de que vivem, esposas abandonam os lares na embriaguez da crença. Eu como bom ateu não dou os 41\$00 da viagem e deixo-me ficar nesta Coimbra a gozar os ares do Mondego. É mais ajuizado, não acham?» (9/4/46).

Num tom mais filosófico sobre o tema JOÃO DIAS escreveu:

«A Tite pergunta: «Cristo teria sido branco? E não teria havido também um Cristo preto para nos acariciar e animar como Aquele faz aos seus irmãos de raça?. Tite: mas Cristo... teria havido de facto Cristo?... Por mim, pus de parte essas crendices. Acho que elas só concorrem para o atraso mental duma raça!

As ideias políticas de JOÃO DIAS são bem claras e expressas nas suas cartas. Alguns trechos delas bastam:

«Uma coisa que tanto me desgosta em vocês é o facto de tanto em política como em questões raciais vocês serem medrosos e terem até algumas ideias reaccionárias... Nós por sermos aí os africanos com mais instrução pretendemos ser a cabeça da elite africana. Mas esqueçamos que como elite, elite intelectual, não devemos esquecer os outros, mas procurar elevá-los. Sei que isso é obra do meio e das artimanhas dos senhores colonizadores. Mas nós já temos os olhos abertos... «Não é na época da bomba atómica que se vai viver arrizado aos princípios de nossos avós de que a mulher, porque é frágil, nasceu para ser uma obediente submissa, Diz a Tite. Tu disseste muito bem e vais provar ao mano que como mulher e como mulher africana não nasceste para ser uma obediente submissa... «E» A Tite não deve esperar para fazer algo do que a todos vocês pedi. E não deve esperar porque o destino de um povo inteiro não pode estar sujeito a factos incertos e distantes. É preciso ajudar já, na medida do possível aqueles que sofrem. Dar-lhes consciência da sua condição de escravos. Mostrar-lhes que estão esmagados. Esta ideia transmitida a um passará a outro e outro e encherá todas as cabeças esmagadas. E será um povo a ter consciência de que o esmagam. Será um povo a gritar que o esmagam. Será um povo a rebentar: «Basta de tanto sofrer!!! «Depois... Talvez sangue, talvez mortes mas desse quadro infernal nascerá brilhante a emancipação duma raça » (23/1/47).

A sociedade que, como a descreve ORLANDO DE ALBUQUERQUE no prefácio do **Godido**, «modelada por conceitos raciais, onde ser branco encobre todas as deficiências e ser preto proíbe todo o valor», utilizava mulatos como carrascos contra os pretos. É neste contexto que se compreende a razão pela qual JOÃO DIAS escreveu assim: «Esta noite realiza-se uma conferência na Faculdade de Letras promovida pela C.E.I. Faz parte do programa da Semana das Colónias. O orador é um patricio nosso de S. Tomé ou Cabo Verde, poeta FRANCISCO JOSÉ TENREIRO... Vi-o ontem. É mulato,

escurito e de carapinha. Não me cheguei a ele porque diziam que ele era racista. Só hoje venho a saber que o racismo dele era deste género: Desprezava os brancos, procurando elevar sempre o irmão negro. Julguei que fosse um mulato que desprezasse os irmãos. Afinal pensa como eu. Gostava de lhe falar...» (20/5/46):

Filósofos são humanos e têm, como todos nós, os seus tempos de divertimento também. Testemunha a seguinte passagem de João Dias:

«No domingo fui a Anadia... A vila tinha uma Igreja, um café, um jardinzito público e casas de habitação, fechadas onde não se via viva alma... Encontrámos dois sujeitos que já estiveram em Lourenço Marques e levaram-nos à Adega deles. Deram-nos a provar algumas especialidades e ao fim ofereceram uma garrafa de vinho de mesa a cada um de nós... Entre o reduzíssimo número de caras femininas jovens vimos uma de cabelos castanhos à janela com a mãe. Um dos rapazes que ia conosco dirigiu-lhe galanteios. Eu, notei porém, que sorria e ia fixando o olhar em mim. Antes que me chamassem tímido entrei em acção. Ela estava a fazer uma camisola. Cheguei à janela rodeada pelos outros. Quando estava no auge da animação todo galanteador ela começa por me dizer que me conhecia perfeitamente, de vista, de Coimbra, que eu andava em Direito e que na vila já tinha estado a falar com um primo dela.

Enfim sabia tudo e mais alguma coisa a meu respeito. Foi um balde de água fria para mim. Perdi o espanto galanteador e assim que tive oportunidade fiz meia volta para não voltar. A noite Rouxo Leão que andava entusiasmado por uma vampre quis fazer-lhe uma serenata. Foi ele, o Galha e eu. Debaixo da janela ele cantou e... nós fizemos de corpo presente...».

João Dias, o gigante da literatura moçambicana, traduziu em palavras o que a maioria do povo sentia, mesmo que alguns sentissem pouco. As suas cartas são histórias e literatura; e história e literatura são como pólvora e lume misturados.

CYPRIAN KWILIMBE